

MERCADO DE TRABALHO

Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas

Sumário

O mercado de trabalho brasileiro segue em trajetória favorável, caracterizada, entre outros aspectos, por quedas contínuas da taxa de desocupação e expansão da ocupação, especialmente formal. Adicionalmente, o aumento da massa salarial e os recuos da subocupação e do desalento ratificam esse cenário benigno.

De acordo com as estatísticas mensalizadas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua),¹ em julho, a taxa de desocupação dessazonalizada recuou pelo sexto mês consecutivo, chegando a 7,6% e atingindo o menor patamar desde abril de 2015. Embora parte dessa queda da desocupação possa ser creditada ao arrefecimento da taxa de participação, a forte expansão da população ocupada é o principal fator explicativo para o recuo do desemprego no país. Entre janeiro e julho, o contingente de ocupados dessazonalizado na economia brasileira passou de 98 milhões para 100,3 milhões de trabalhadores, acelerando 2,3%. Na comparação com julho de 2022, a alta é de 0,9%. Já no caso da taxa de participação, observa-se que, embora já se evidencie uma leve retomada na margem – 62,1%, em julho ante 61,5% observado em janeiro, na série dessazonalizada –, esta variável ainda se encontra em patamar reduzido, quando comparado à sua média histórica.

Nota-se que essa trajetória da taxa de participação reflete o comportamento da força de trabalho brasileira, que, mesmo tendo avançado 1,5% entre janeiro e julho – chegando a 108,6 milhões –, ainda se encontra em patamar 0,5% menor que o registrado no mesmo período de 2022. Segundo os microdados extraídos da PNAD Contínua – trimestral, entre os segundos trimestres de 2022 e 2023 –, os maiores recuos da força de trabalho ocorreram entre os trabalhadores mais jovens com idade entre 18 e 24 anos (-4,9%) e entre os trabalhadores com ensino fundamental completo (-5,6%).

Como consequência desse movimento mais forte de indivíduos transitando para a inatividade, a população em idade ativa, mas que se encontra fora da força de trabalho, apontou, em julho de 2023, uma expansão de 3,3%, em termos interanuais, abarcando 66,3 milhões de pessoas. Deve-se registrar, também, que os microdados relativos à população inativa revelam dois aspectos importantes do mercado de trabalho atual: a desaceleração da proporção de pessoas que estão fora da força de trabalho por conta do desalento; e o aumento da parcela dos indivíduos que estão

Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Sandro Pereira Silva

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea

sandro.pereira@ipea.gov.br

Leo Veríssimo Fernandes

Pesquisador do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Disoc/Ipea

leo.fernandes@ipea.gov.br

Gabriela Carolina Rezende Padilha

Pesquisadora do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Disoc/Ipea

gabriela.padilha@ipea.gov.br

Divulgado em 26 de setembro de 2023.

1. As séries mensalizadas foram obtidas a partir da metodologia desenvolvida por Marcos Hecksher, disponível em: <https://bit.ly/3VOuWny>.

fora da força de trabalho e que não desejam retornar ao mercado de trabalho, mesmo se recebessem uma oferta de trabalho. Nos dois casos, esses resultados parecem reverberar, pelo menos em parte, pois esta própria melhora conjuntural, cujo aumento da população ocupada e dos salários vem gerando não apenas uma percepção mais positiva sobre o cenário de emprego no país, mas também uma necessidade menor de compensar perdas de emprego e/ou rendimento domiciliares, possibilitando, assim, que demais membros da residência possam se dedicar exclusivamente a outras atividades.

1 Aspectos gerais

De acordo com os dados mais recentes, o mercado de trabalho segue apresentando resultados favoráveis, evidenciados, sobretudo, por quedas da taxa de desocupação em um cenário de expansão da ocupação, principalmente a formal. Por certo, as estatísticas mensalizadas da PNAD Contínua² revelam que, em julho, a taxa de desocupação dessazonalizada recuou pelo sexto mês consecutivo, chegando a 7,6% e atingindo o menor patamar desde abril de 2015 (gráfico 1). Já na comparação com julho de 2022, a taxa de desocupação registra queda de 1,3 ponto percentual (p.p.).

A análise dos determinantes da taxa de desocupação mostra que, embora parte dessa desaceleração, ocorrida ao longo dos últimos trimestres, possa ser creditada a uma retração da taxa de participação, a forte expansão da população ocupada é o principal fator explicativo para a queda do desemprego. Em julho, o contingente de ocupados na economia brasileira era composto por 100,3 milhões de trabalhadores (gráfico 2), acelerando 2,3% em relação a janeiro (98 milhões) e avançando 0,9% na comparação interanual (99,4 milhões).

É preciso salientar, ainda, que esse aumento da ocupação vem ocorrendo tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, tendo em vista que a maior parcela desse crescimento aconteceu nos segmentos formais³ da economia. A partir dos dados da PNAD Contínua, no último trimestre, encerrado em julho, a ocupação formal no mercado de trabalho brasileira acelerou 1,4% na comparação interanual, enquanto a população ocupada na informalidade⁴ recuou 0,3% (gráfico 3).

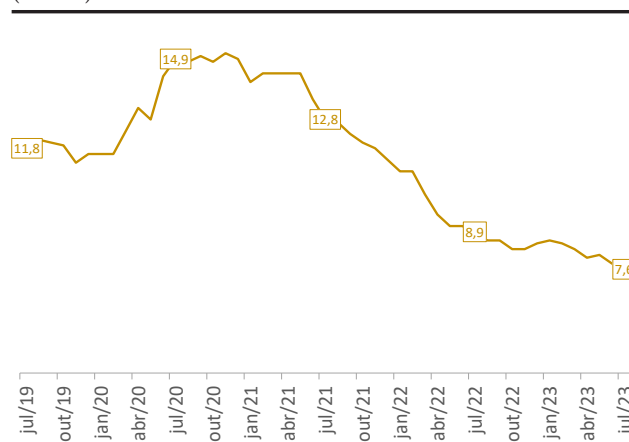
Assim como a pesquisa do IBGE, os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) também retratam um cenário de crescimento da ocupação formal no país, ainda que em ritmo mais ameno. Segundo o levantamento do Ministério do Trabalho e Emprego, em julho de 2023, no acumulado em doze meses, a economia brasileira gerou 1,57 milhão de novas vagas com carteira assinada, ficando abaixo tanto do observado no mês anterior (1,65 milhão) quanto do registrado no mesmo período de 2022 (2,61 milhões). No entanto, mesmo em desaceleração, o número de vagas criadas com carteira vem possibilitando uma expansão do estoque de trabalhadores formais, que chegou a 43,6 milhões em abril, o que representa alta de 3,7% na comparação interanual (gráfico 4).

2. As séries mensalizadas foram obtidas a partir da metodologia desenvolvida por Marcos Hecksher, disponível em: <https://bit.ly/3VOuWny>.

3. Ocupação formal compreende o trabalho com carteira nos setores privado e público, os militares e estatutários, o trabalho doméstico com carteira, o empregador com Cadastro Nacional da pessoa Jurídica (CNPJ) e por conta própria com CNPJ.

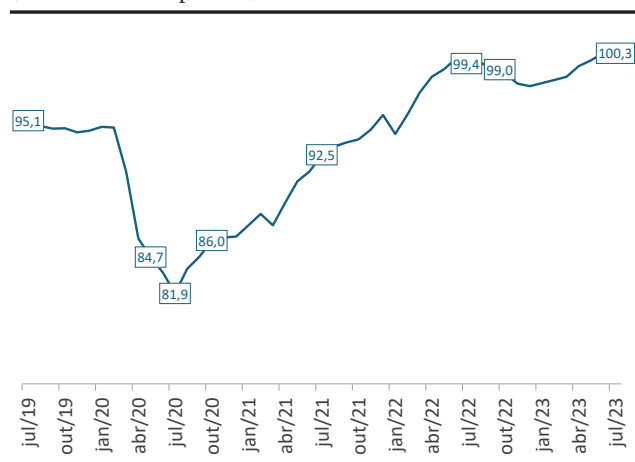
4. Ocupação informal compreende o trabalho sem carteira assinada nos setores privado e público, o trabalho doméstico sem carteira assinada, o por conta própria sem CNPJ e o trabalhador familiar auxiliar.

GRÁFICO 1
Taxa de desocupação dessazonalizada
(Em %)



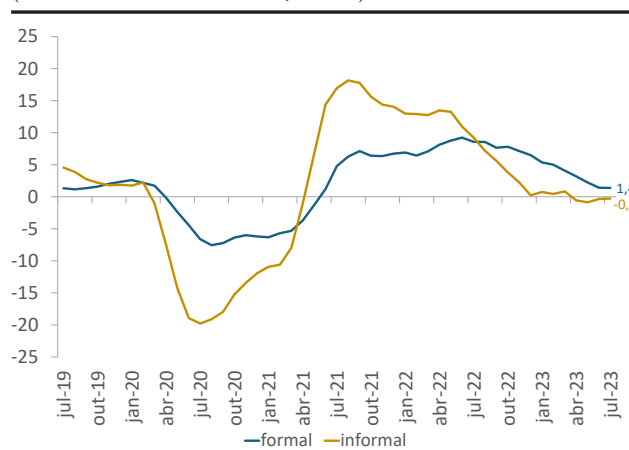
Fonte: PNAD Contínua/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2
População ocupada: dados dessazonalizados
 (Em milhões de pessoas)



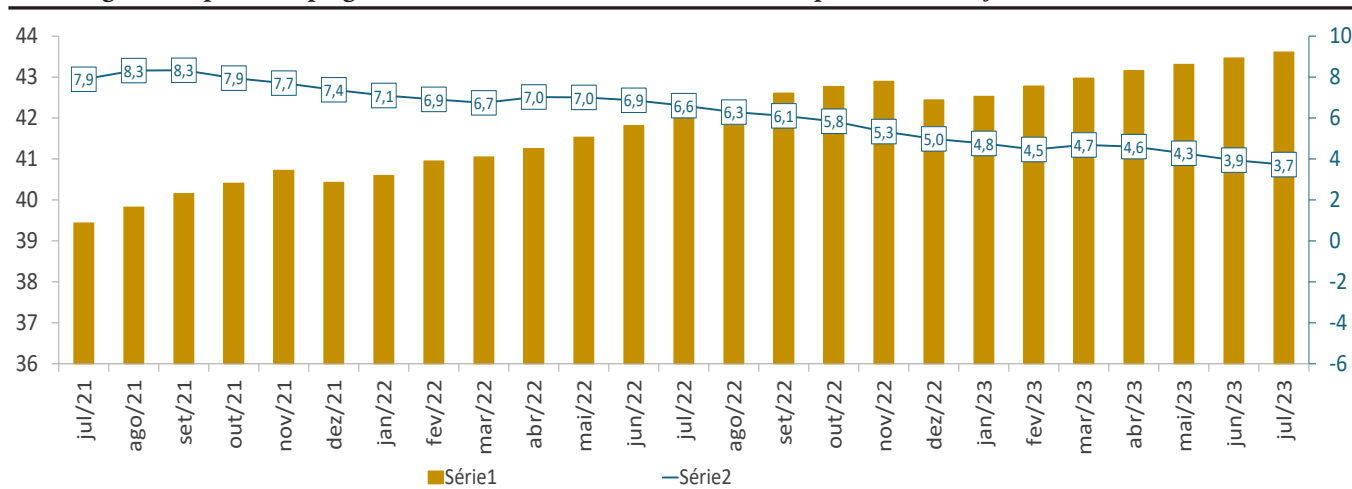
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3
População ocupada por vínculo empregatício – taxa de crescimento interanual
 (Médias móveis trimestrais, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Obs.: Médias móveis trimestrais.

GRÁFICO 4
Novo Caged: estoque de empregos formais, em valor absoluto (milhões de pessoas) e variação interanual (%)



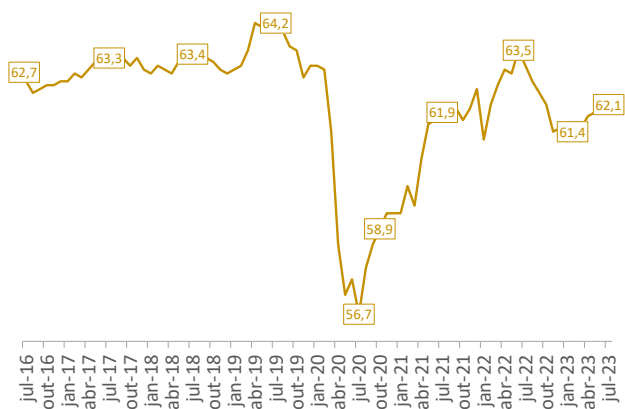
Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho e Emprego.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Já no caso da taxa de participação, observa-se que, embora já se evidencie uma leve retomada na margem (gráfico 5), esta variável ainda se encontra em patamar reduzido, quando comparado à sua média histórica, o que, no entanto, não parece representar um fator de pressão futura sobre o mercado de trabalho, mesmo diante de uma taxa de desocupação relativamente baixa. De fato, a partir da utilização do fluxograma, descrito no gráfico 1 do box em anexo, é possível observar que o panorama atual parece se aproximar do cenário considerado confortável, que combina baixas taxas de desocupação e taxa de participação mais elevada.

Nota-se, também, que essa trajetória da taxa de participação vem refletindo o arrefecimento da força de trabalho brasileira, que, apesar da recuperação nos últimos meses, ainda se encontra em nível abaixo do observado no mesmo período do ano anterior (gráfico 6). Com efeito, embora ao longo do ano a força de trabalho des-

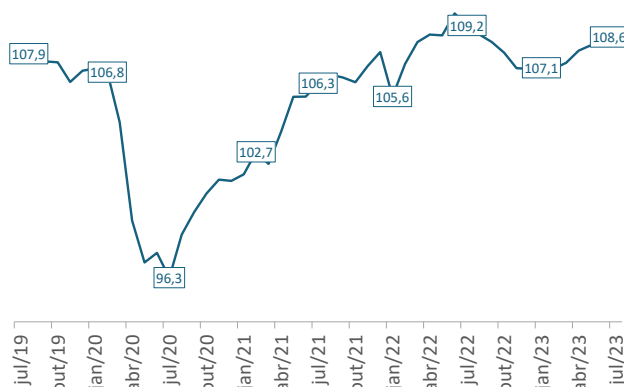
sazonalizada tenha avançado 1,5%, passando de 107,1 milhões de pessoas, em janeiro, para 108,6 milhões em julho, este montante é 0,5% menor que o registrado em julho de 2022. Por conseguinte, o número de indivíduos em idade ativa, mas que estão fora da força de trabalho, apontou, em julho, uma expansão de 3,3%, em termos interanuais, passando de 64,2 milhões em julho de 2022 para 66,3 milhões em julho de 2023.

GRÁFICO 5
Taxa de participação dessazonalizada
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Disoc/Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

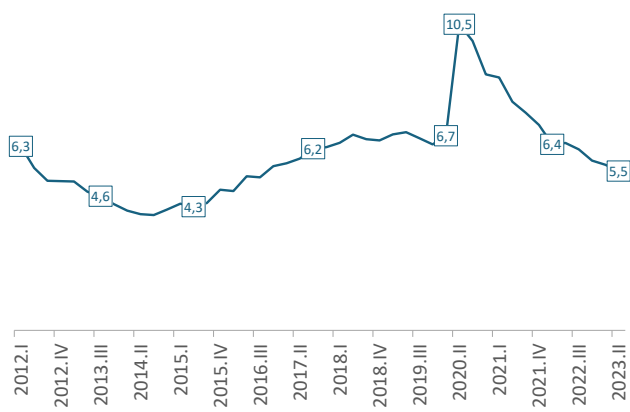
GRÁFICO 6
Força de trabalho: dados dessazonalizados
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

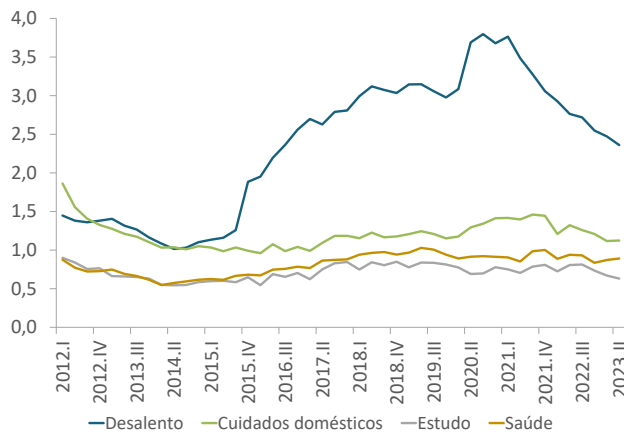
Observa-se, ainda, que os microdados extraídos da PNAD Contínua – trimestral – indicam que a parcela dos indivíduos que estão fora da força de trabalho, mas que gostariam de retornar à inatividade, caso recebessem uma oferta de trabalho, vem recuando sistematicamente ao longo dos últimos trimestres (gráfico 7). Adicionalmente, os microdados também mostram que, entre os indivíduos que estão fora da força de trabalho, a proporção daqueles que estão nesta condição por conta do desalento desacelerou fortemente no período mais recente. Já a parcela dos que estão na inatividade por conta dos estudos, de afazeres domésticos e de problemas de saúde mostra certa estabilidade (gráfico 8).

GRÁFICO 7
Proporção de trabalhadores fora da população economicamente ativa (PEA) que gostariam de trabalhar em relação ao total da população em idade ativa (PIA) (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 8
Proporção de trabalhadores fora da PEA em relação ao total da PIA – desagregada por motivações (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Assim como a queda na proporção do número de desalentados, o recuo dos indicadores de subocupação também reflete a melhora nas condições do mercado de trabalho. Por certo, a população subocupada,⁵ que era de 6,1 milhões em julho de 2022, já recuou para 5,1 milhões em julho de 2023. Essa retração da população subocupada, aliada à diminuição do número de desempregados – cujo contingente recuou de 9,7 milhões para 8,2 milhões entre julho de 2022 e 2023 –, fez com que a taxa combinada de desocupação desacelerasse de 14,8% para 12,9% no período.

2 Análise desagregada da desocupação

Os dados desagregados, extraídos da PNAD Contínua trimestral, mostram que, no segundo trimestre de 2023, houve, novamente, um recuo do desemprego, tanto na margem quanto em relação ao mesmo período do ano passado, para todos os segmentos pesquisados (tabela 1). Na abertura regional, a pesquisa mostra que, em termos absolutos, embora o Nordeste, juntamente com o Sudeste, tenha apresentado a maior queda interanual (1,4 p.p.), esta região ainda é a que registra a maior taxa de desocupação (11,3%). Já a maior retração, em termos relativos, foi observada, novamente, na região Sul, cuja taxa da desocupação passou de 5,6% para 4,7%. O recorte por gênero revela que, na comparação interanual, a magnitude da queda do desemprego foi maior para o sexo feminino, tendo em vista que, enquanto a desocupação entre os homens recuou de 7,5% para 6,9%, a das mulheres caiu de 11,6% para 9,6%.

TABELA 1
Taxa de desemprego
(Em %)

	2020			2021				2022				2023	
	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.
Brasil	13,6	14,9	14,2	14,9	14,2	12,6	11,1	11,1	9,3	8,7	7,9	8,8	8,0
Centro Oeste	12,7	12,9	12,1	12,8	11,6	9,8	8,4	8,5	7,0	6,5	6,2	7,0	5,7
Nordeste	16,5	18,3	17,6	18,9	18,4	16,4	14,7	14,9	12,7	12,0	10,9	12,2	11,3
Norte	12,0	13,3	12,6	15,0	14,1	12,0	11,2	11,7	8,9	8,2	8,1	9,1	8,1
Sudeste	14,2	15,7	15,1	15,3	14,6	13,1	11,2	11,1	9,3	8,7	7,9	8,6	7,9
Sul	9,1	9,6	8,4	8,7	8,2	7,5	6,7	6,5	5,6	5,2	4,5	5,0	4,7
Masculino	12,2	12,9	11,9	12,2	11,6	10,1	9,0	9,1	7,5	6,9	6,5	7,2	6,9
Feminino	15,5	17,5	17,2	18,5	17,7	15,9	13,9	13,7	11,6	11,0	9,8	10,8	9,6
18 a 24 anos	28,8	30,6	29,0	30,0	28,5	25,7	22,8	22,8	19,3	18,0	16,4	18,0	16,6
25 a 39 anos	12,7	13,9	13,4	14,1	13,2	11,5	10,1	10,2	8,3	7,8	7,1	8,2	7,4
40 a 59 anos	8,7	9,9	8,9	9,6	9,5	8,2	7,2	7,1	6,0	5,6	5,3	5,6	5,3
Mais de 60 anos	4,8	5,3	5,2	5,9	5,6	5,4	4,4	4,3	4,0	3,7	3,4	3,9	3,4
Fundamental Incompleto	13,5	14,7	13,7	14,0	13,8	12,1	10,9	10,8	8,9	8,7	8,3	8,5	7,8
Fundamental Completo	16,4	17,3	16,7	15,8	15,7	14,0	13,3	12,2	10,4	10,1	9,3	10,1	9,6
Médio Incompleto	22,3	24,1	23,5	24,2	22,7	20,1	18,4	18,3	15,3	15,3	13,9	15,2	13,6
Médio Completo	15,4	17,1	16,1	17,1	16,2	14,4	12,6	12,7	10,6	9,7	8,5	9,9	9,2
Superior	8,6	9,3	9,2	10,3	9,4	8,2	6,7	7,1	5,9	5,3	4,9	5,6	4,9

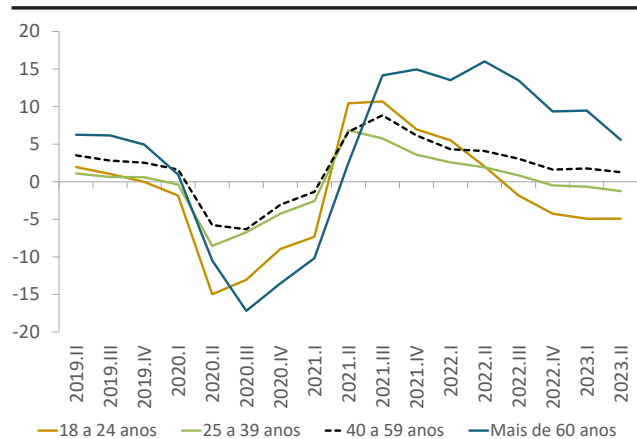
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

5. Segundo o IBGE, o conceito de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas se refere à população que está trabalhando menos de quarenta horas semanais, mas tem disponibilidade e gostaria de trabalhar mais.

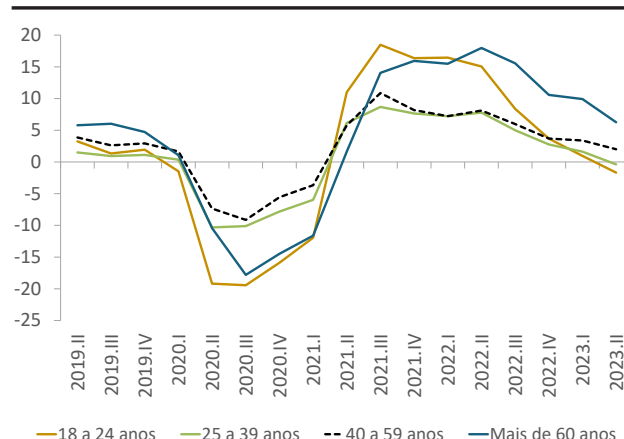
A abertura por idade mostra que, no último trimestre, todos os segmentos etários registraram recuo na taxa de desocupação, na comparação interanual. Em termos absolutos, a taxa de desocupação de 16,6% entre os jovens ainda se encontra bem acima das demais faixas etárias. Na outra ponta, a desocupação dos trabalhadores mais idosos foi a que mais recuou em termos relativos, mantendo-se em patamar bem abaixo das demais, com taxa de 3,4%. Nota-se, no entanto, que, nos grupos etários mais baixos, a queda do desemprego ocorreu apenas por conta da desaceleração da força de trabalho, uma vez que a população ocupada nesses segmentos etários apontou recuo, no segundo trimestre, na comparação interanual. Por certo, embora a ocupação entre os trabalhadores com idade entre 18 e 24 anos e entre 25 e 39 anos tenha recuado 1,7% e 0,4%, no segundo trimestre, na comparação interanual (gráfico 9), a força de trabalho destes dois grupos desacelerou ainda mais, registrando quedas de 4,9% e 1,2%, respectivamente (gráfico 10). Por outro lado, mesmo diante de um crescimento da população ocupada (6,3%), a taxa de desocupação do grupo de trabalhadores com mais de 60 anos recuou relativamente menos que as demais, atenuada pela alta de 5,6% da força de trabalho.

GRÁFICO 9
Variação interanual da população ocupada, por faixa etária
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 10
Varição interanual da PEA, por faixa etária
 (Em %)

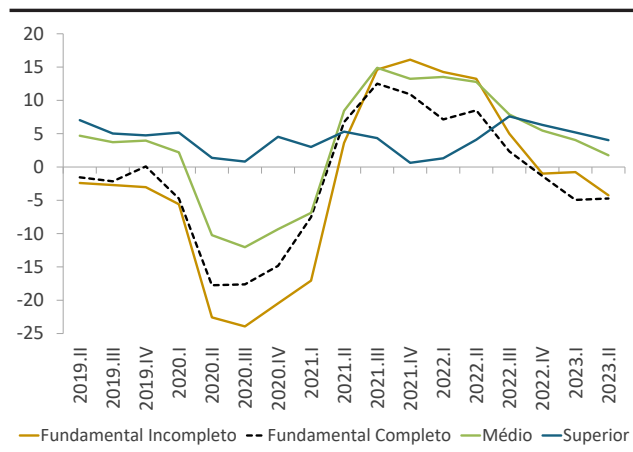


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, a desagregação por nível educacional revela que a desocupação dos trabalhadores com ensino médio incompleto segue sendo a mais alta (13,6%) entre todos os segmentos, ao passo que a mais baixa está no grupo com ensino superior (4,9%). Ainda de acordo com os microdados da PNAD Contínua, nos segmentos menos escolarizados, o recuo da taxa de desocupação vem ocorrendo mesmo em um contexto de queda da população ocupada (gráfico 11), tendo sido beneficiada pela retração ainda mais intensa da força de trabalho (gráfico 12). De fato, enquanto a ocupação entre os trabalhadores com ensino fundamental incompleto e completo recuou 4,2% e 4,7%, respectivamente, no segundo trimestre do ano, a PEA destes segmentos registrou queda de 5,4% e 5,6%. Em contrapartida, a desocupação dos trabalhadores com ensino superior reflete uma alta mais intensa da ocupação (4,0%) comparativamente à da força de trabalho (2,9%).

GRÁFICO 11

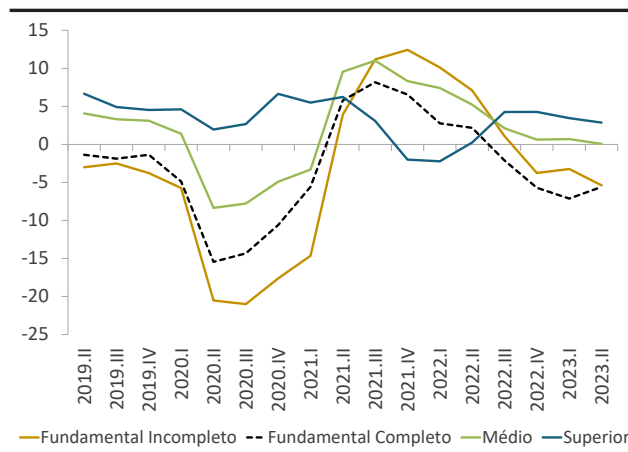
Varição interanual da população ocupada, por grau de instrução
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 12

Varição interanual da PEA, por grau de instrução
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Emprego setorial

As estatísticas extraídas tanto da PNAD Contínua quanto do Novo Caged indicam que a melhora da ocupação vem ocorrendo em praticamente todos os setores da economia, ainda que em intensidades distintas. A partir da análise da taxa de crescimento interanual do emprego por setor de atividade econômica, com base na PNAD Contínua (tabela 2), verifica-se que a evolução positiva da população ocupada agregada entre o segundo trimestre de 2022 e de 2023 é resultante da melhora no nível de emprego na maioria dos segmentos (oito setores no total de treze), com exceção de agricultura, construção civil, serviços industriais de utilidade pública (Siup), comércio e serviços domésticos. No entanto, quando levadas em conta as taxas interanuais registradas no primeiro trimestre de 2023, os resultados indicam uma desaceleração no ritmo de crescimento da ocupação em onze dos treze setores contemplados.

Entre os setores com maior perda de dinamismo, na comparação interanual entre os dois últimos trimestres de 2023, estão segmentos importantes, como transporte (de 7,9% para 4,3%), serviços pessoais (de 4,3% para 2,7%), indústria extrativa (de 8,4% para 2,5%), informática (de 6,0% para 3,0%), construção civil (de -0,8% para -4,6%) e comércio (de 3,0% para -0,8%). Apenas dois segmentos mantiveram as taxas de crescimento anual semelhantes às obtidas no trimestre anterior: administração pública (de 1,5% para 1,7%) e agricultura, que reduziu o ritmo de queda (de -5,2% para -5,0%). No caso específico da agricultura, vale ressaltar também que o setor registrou a quinta queda seguida no total da população ocupada, como demonstram os dados listados na tabela 2.

Em valores absolutos, os dados revelam que o setor de saúde e educação foi o que mais adicionou trabalhadores à ocupação, nos últimos doze meses, com expansão de aproximadamente 706 mil indivíduos entre o segundo trimestre de 2022 e 2023. Na sequência, o setor de informática registrou aumento da ocupação em aproximadamente 351 mil pessoas no período. Deve-se ressaltar, no entanto, que a análise da variação interanual da ocupação setorial para o segundo trimestre de 2023, segundo a posição na ocupação (tabela 3), mostra que esse aumento de postos de trabalho nos segmentos tanto de saúde e educação quanto de informática se deu majoritariamente via emprego informal e no trabalho por conta própria. Outros segmentos como Siup e admi-

nistração pública também se destacam nas vagas sem registro em carteira, ambos registrando 7,2% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Para os setores com redução no ritmo de expansão do emprego, os resultados são menos frustrantes, na medida em que revelam melhoria na qualidade do emprego. De fato, os dados de ocupação nos setores de comércio, serviços pessoais, alojamento e alimentação, agricultura e transporte, por exemplo, apontam que o emprego com registro formal foi a modalidade com maior crescimento anual em relação ao mesmo trimestre de 2022. Na média geral, a taxa de crescimento do emprego formal medida para o trimestre foi de 3,7%, segundo o Novo Caged, e de 6,1%, de acordo com a PNAD Contínua. Adicionalmente, no caso dos serviços domésticos e da construção civil, a continuidade do crescimento do emprego formal pode contribuir para a diminuição das taxas gerais de informalidade no mercado de trabalho brasileiro, que tradicionalmente caracterizam esses setores.

TABELA 2

População ocupada por setores de atividade econômica: variação interanual (1º trim./2021-2º trim./2023)

(Em %)

	2021				2022				2023	
	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	1º trim.	2º trim.
Agricultura	3,6	11,2	9,7	4,5	2,5	-0,7	-3,6	-4,4	-5,2	-5
Indústria extrativa	-11,6	-4,8	5	12,1	9,8	18	13	16,3	8,4	2,5
Indústria de transformação	-5,2	5,3	12,8	9,1	8,2	9,6	3,6	3,1	2,1	0,5
Siup ¹	-19,2	-18,6	-13	8,1	6,5	15,6	4,8	-1,1	-2	-2,5
Construção civil	-2,5	22,2	20,1	17,4	12,7	11,2	2,7	-1,3	-0,8	-4,6
Comércio	-8,2	6,1	13,4	11,6	12,2	14,2	7,8	4	3	-0,8
Informática, financeira, serviços a empresas	0,9	9,1	10,4	7,2	4	5,1	6,9	4,4	6	3
Transporte	-9	4,6	12,6	10	10,4	10	9,2	10	7,9	4,3
Serviços pessoais	-17,4	3,5	8,8	14,7	19,5	18,7	24	9,8	4,3	2,7
Administração pública	-3	-3	-3,7	-2,4	2,6	1,8	8,8	3,7	1,5	1,7
Saúde e educação	-0,6	-0,2	4,3	3,1	1,5	7,2	8,5	8,9	6,5	5,9
Alojamento e alimentação	-26,3	8,8	26,5	23,9	32,5	23,1	8,5	3,5	1,8	1
Serviços domésticos	-18,6	9	21,3	21,7	19,4	18,7	9,6	2,1	1,2	-0,3

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração dos autores.

TABELA 3

População ocupada por setores e posição na ocupação: variação interanual (2º trim./2023)

(Em %)

	Novo Caged	PNAD Contínua		
		Assalariado com registro ³	Assalariado sem registro	Conta própria ⁴
Total	3,7	2,1	1	-1,9
Agricultura	3,9	4,5	-8	-7,6
Indústria extrativa	3,9	3,6	-9,4	-0,8
Indústria transformação	1,9	2,6	2,6	-7,1
Siup	2	-3	7,2	-41,1
Construção civil	10,9	0,2	-6,2	-5,8
Comércio	3,7	2,6	-2,2	-5,6
Informática, financeira, serviços a empresas	5,7	0,2	9,1	9,6
Transporte	5,7	3,8	-3,1	7,8
Serviços pessoais	7,3	11,6	1,1	1,7
Administração pública	1,2	0	7,2	-
Saúde e educação	1,9	2	16,9	9,3
Alojamento e alimentação	9	5,1	1,7	-3,1
Serviços domésticos	-	1,3	-0,9	-

Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Novo Caged/Ministério do Trabalho e Emprego.

Elaboração: Disoc/Ipea.

Essa análise do emprego setorial desagregado por posição na ocupação parece indicar que o crescimento do emprego formal tem sido mais consistente e menos errático que o do emprego informal nos diversos setores ilustrados: de fato, seja de acordo com os dados do Novo Caged ou da PNAD Contínua, todos os setores apresentaram crescimento nesse segmento (com exceção de Siup na PNAD Contínua, que caiu 3,0% na variação interanual).

Ainda de acordo com as estatísticas do Ministério do Trabalho e Emprego, os dados mais recentes mostram que esse dinamismo do emprego com registro em carteira no país segue em curso, tendo em vista que, nos últimos doze meses, encerrados em julho, o estoque de trabalhadores formais mostrou expansão de 3,7%. Em termos absolutos, conforme plotado no gráfico 13, os setores que mais criaram postos formais no período foram: comércio (302,6 mil); serviços administrativos (256,4 mil); construção civil (169,7 mil); alojamento e alimentação (136,1 mil); e transporte e armazenamento (116,5 mil).

GRÁFICO 13
Novo Caged: saldo de empregos criados (ago./2022-jul./2023)
 (Em 1 mil pessoas)



Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho e Emprego.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

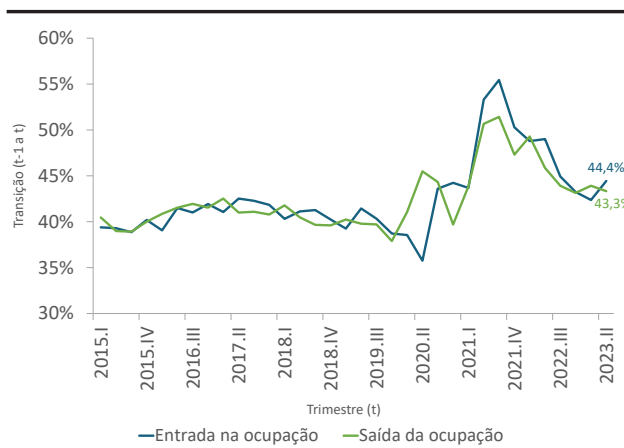
4 Análise dos fluxos de ocupação e desocupação

Um retrato mais detalhado do mercado de trabalho pode ser obtido sob uma ótica dinâmica por meio do exame da evolução das transições entre diferentes posições na ocupação dos indivíduos, de forma complementar à tradicional análise da evolução dos estoques. Para tal, são utilizados os microdados da PNAD Contínua, cuja estrutura prevê que domicílios e seus moradores sejam entrevistados cinco vezes, sempre com um intervalo de três meses, perfazendo um ano entre a primeira e a eventual quinta entrevista. Assim, a comparação da informação fornecida em duas entrevistas domiciliares permite quantificar as transições individuais entre diferentes posições ocupadas no período compreendido.

Para início de análise, o gráfico 14 mostra os fluxos de entrada e saída para a ocupação total no país, normalizados pela população ocupada estimada no segundo trimestre de 2023. A diferença entre as duas linhas do gráfico é equivalente, por construção, ao crescimento percentual da população ocupada no respectivo trimestre. Dessa forma, os dados indicam aumento no fluxo de entrada na ocupação do primeiro para o segundo trimestre de 2023, passando do equivalente a 42,4% da população ocupada para 44,4%. Esse movimento no fluxo de entrada final ficou pouco acima do fluxo de saída, que registrou uma leve queda de 43,9% para 43,3% no mesmo período.

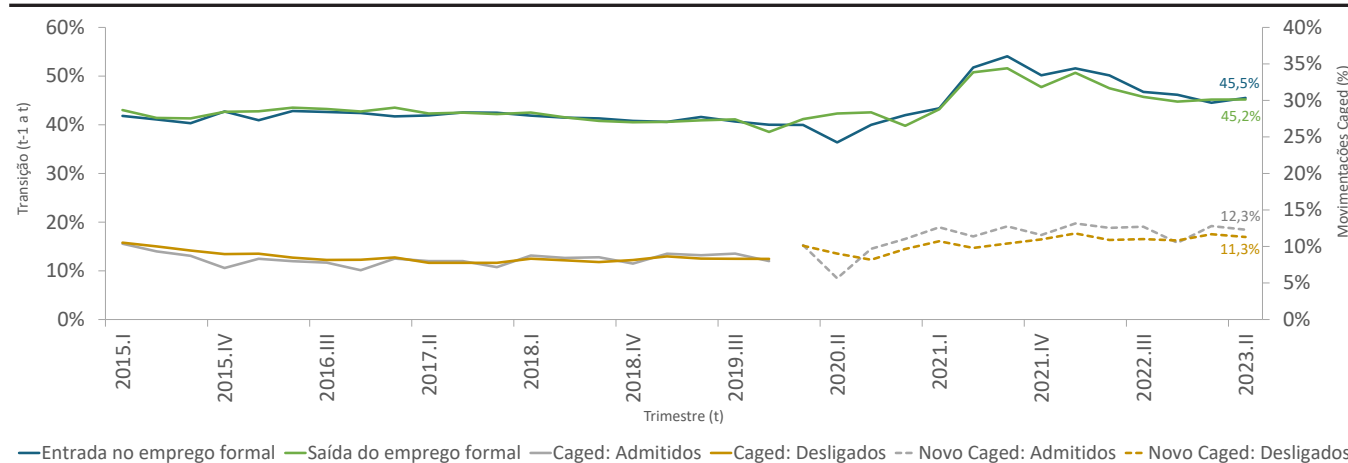
Por sua vez, o gráfico 15 mostra os mesmos fluxos de entrada e saída, porém considerando o emprego formal. Nota-se que, na comparação do segundo trimestre de 2023 com o anterior, há um aumento nos fluxos de entrada – de 44,5% para 45,5% – e uma estabilidade nos fluxos de saída – em 45,2% –, o que se assemelha ao observado na ocupação total. No entanto, o crescimento (1,0 p.p.) no fluxo de entrada no emprego formal foi mais brando que aquele registrado no fluxo de entrada na ocupação total (2,0 p.p.), o que explica o leve crescimento do emprego total no segundo trimestre de 2023 concomitantemente a uma relativa estabilidade no número de trabalhadores formais.

GRÁFICO 14
Fluxos de saída e entrada para ocupação (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Disoc/Ipea.

GRÁFICO 15
Fluxos de saída e entrada para empregados formais¹ (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Novo Caged/Ministério do Trabalho e Emprego.
Elaboração: Disoc/Ipea.

Nota: ¹ Embora os dados do Novo Caged sejam disponibilizados em bases mensais, optamos por reportar as movimentações acumuladas em trimestres para facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua.

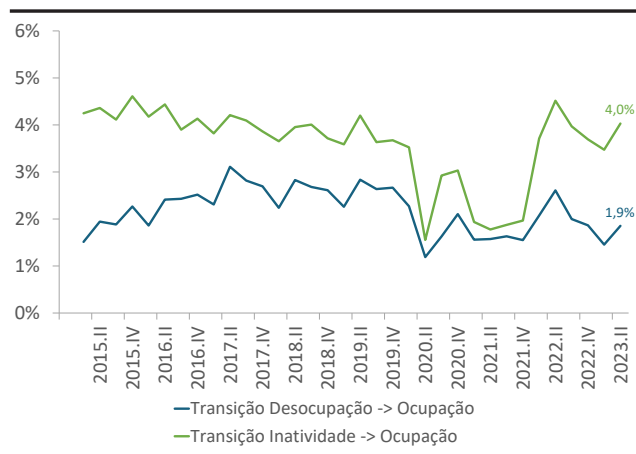
A análise do gráfico 15 revela também o fato das movimentações extraídas dos dados do Novo Caged (linhas tracejadas) indicarem que, no segundo trimestre de 2023, o fluxo de entrada (admitidos) foi ligeiramente superior ao de saída (desligados) na formalidade – 12,3% contra 11,3%, respectivamente –, o que gerou um aumento de 1,0 p.p. no saldo líquido no período. Esse resultado mais favorável do emprego formal apontado

pelo Caged, relativamente ao observado na PNAD Contínua, pode ser explicado pela diferença na maneira como as informações são coletadas nessas duas pesquisas.

Para melhor compreender a relação entre os fluxos de entrada e saída da ocupação, torna-se mister analisar a evolução recente de componentes desses movimentos. O gráfico 16 traz a evolução dos fluxos de entrada na ocupação provenientes do desemprego e da inatividade separadamente. É possível notar que ambas as movimentações, por terem aumentado, contribuem para crescimento do fluxo de entrada de trabalhadores na condição de ocupados: no caso do componente relacionado à inatividade, o avanço ocorreu ao passar de 3,5% para 4,0% entre o primeiro e o segundo trimestre de 2023; no componente da desocupação para a ocupação, o fluxo do trimestre se elevou de 1,5% para 1,9%.

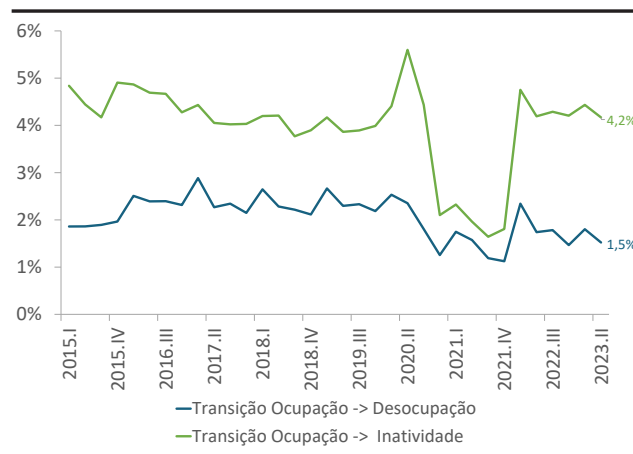
Por sua vez, a análise do gráfico 17 mostra que o aumento do fluxo total de saída da ocupação (ilustrada anteriormente no gráfico 14), no segundo trimestre de 2023, deriva de diminuições suaves no fluxo de saída da ocupação com destino tanto ao desemprego (4,4% para 4,2%) quanto à inatividade (1,8% para 1,5%). Como resultado, nota-se que o crescimento no fluxo de entrada de trabalhadores em direção à ocupação foi o principal fator para que se retomasse a trajetória de crescimento da população ocupada no segundo trimestre de 2023, em comparação aos números observados nos trimestres anteriores.

GRÁFICO 16
Decomposição das entradas na ocupação
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Disoc/Ipea.

GRÁFICO 17
Decomposição das saídas da ocupação
(Em %)



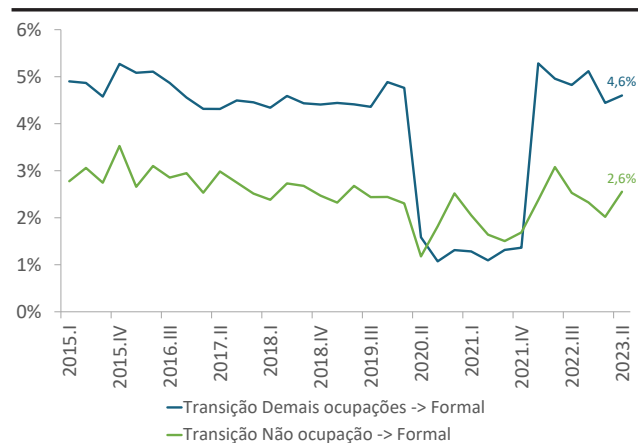
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Disoc/Ipea.

Cumpr-se mencionar, no entanto, que a soma das magnitudes dos aumentos reportados no segundo trimestre de 2023, tanto para os componentes do fluxo de entrada na ocupação (gráfico 16) quanto de saída da ocupação (gráfico 17), não condiz com as quedas reportadas para o agregado desses fluxos no gráfico 14. O motivo dessa aparente incoerência é que a análise feita nos gráficos 16 e 17 foi restrita a indivíduos identificados na amostra da PNAD Contínua nos dois trimestres consecutivos utilizados para construir os fluxos, enquanto a análise do gráfico 14 contempla também os indivíduos que entram e saem da amostra dessa mesma pesquisa. Tal evidência implica dizer que boa parte do aumento de 2,0 p.p. no fluxo de entrada na ocupação reportado no gráfico 14 pode ser explicada pela redução no fluxo de pessoas que estavam fora da amostra em um trimestre e que entraram no seguinte na condição de ocupadas, como de fato evidenciado pelo gráfico 18, que mostra um aumento de 1,2 p.p. nesse fluxo (de 37,4% para 38,6%). Ou seja, parte da referida contribuição do fluxo de entrada para o crescimento da população ocupada, no segundo trimestre de 2023, advém do processo de

renovação de parte da amostra da PNAD Contínua a cada trimestre. Nesse processo, a posição de ocupado ficou mais frequente para os indivíduos que entraram no segundo trimestre de 2023 em comparação com os trimestres anteriores. Vale ressaltar que esse fluxo proveniente de fora da amostra da PNAD Contínua para a evolução da população ocupada apresenta magnitudes relativamente altas ao longo da série, mas estáveis; porém, a partir da pandemia de covid-19 em 2020,⁶ passou a registrar variações mais voláteis.

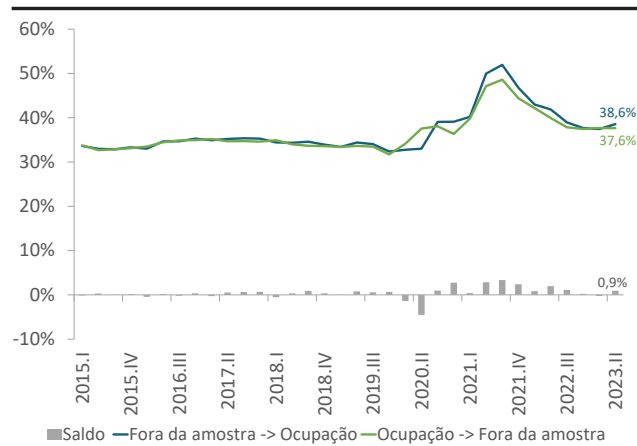
De forma análoga, os gráficos 19 e 20 desagregam os fluxos de entrada e de saída do emprego formal. Inicialmente, destaca-se que, no segundo trimestre de 2023, o ligeiro aumento do fluxo de entrada no emprego formal proveniente das demais ocupações (de 4,4% para 4,6%) não compensa o crescimento observado no componente do fluxo proveniente da desocupação (de 2,0% para 2,6%). Logo, a leve superioridade do fluxo de entrada relativamente ao fluxo de saída, que resultou em modesto crescimento do emprego formal no segundo trimestre de 2023, tem como fator relevante o fluxo de trabalhadores de ocupações informais para ocupações formais. Quanto ao cenário para o fluxo de saída do emprego formal, no mesmo trimestre, na transição para outras ocupações a taxa se manteve estável (4,1%), enquanto no fluxo para a desocupação houve ligeira queda (de 3,0% para 2,8%), conforme ilustrado no gráfico 20.

GRÁFICO 19
Decomposição do fluxo de entrada no emprego formal
(Em %)



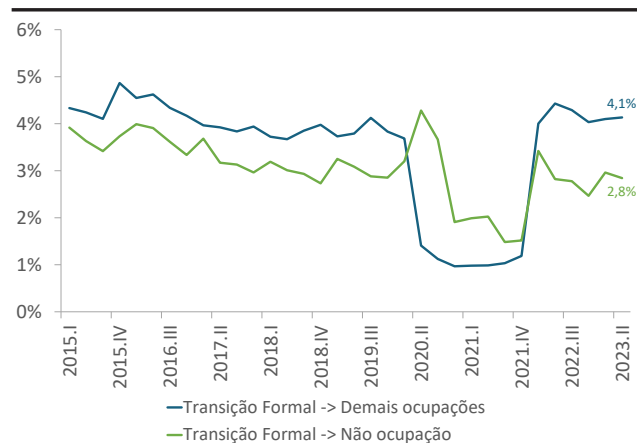
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Disoc/Ipea.

GRÁFICO 18
Fluxos de indivíduos que transitam da ocupação para fora da amostra da PNAD Contínua e vice-versa
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Disoc/Ipea.

GRÁFICO 20
Decomposição do fluxo de saída do emprego formal
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Disoc/Ipea.

Assim, como na análise feita para os componentes dos fluxos para a ocupação total, só é possível compreender o aumento da entrada no emprego formal (retratada no gráfico 15) ao observar o aumento do componente

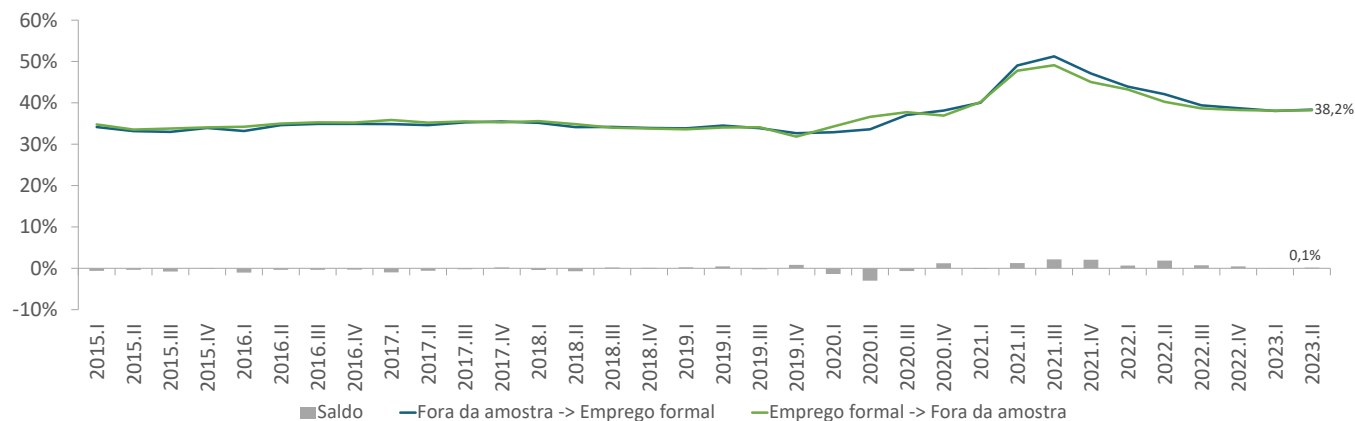
6. Sobre impactos da covid-19 na dinâmica do mercado de trabalho brasileiro, ver Silva, Corseuil e Costa (2022). Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11561>.

relativo aos trabalhadores que entram na amostra da PNAD Contínua ocupando empregos formais. Isso é o que demonstram os dados plotados no gráfico 21.

GRÁFICO 21

Fluxos de indivíduos que transitam do emprego formal para fora da amostra da PNAD Contínua e vice-versa

(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Disoc/Ipea.

Em suma, tanto a elevação da ocupação total quanto a do setor formal se devem, em boa medida, ao aumento no fluxo de entrada de indivíduos nessas condições. Porém, há que se atentar para o papel da renovação da amostra a fim de alcançar um entendimento mais apurado de tais contrações.

Box especial

Desocupação e taxa de participação

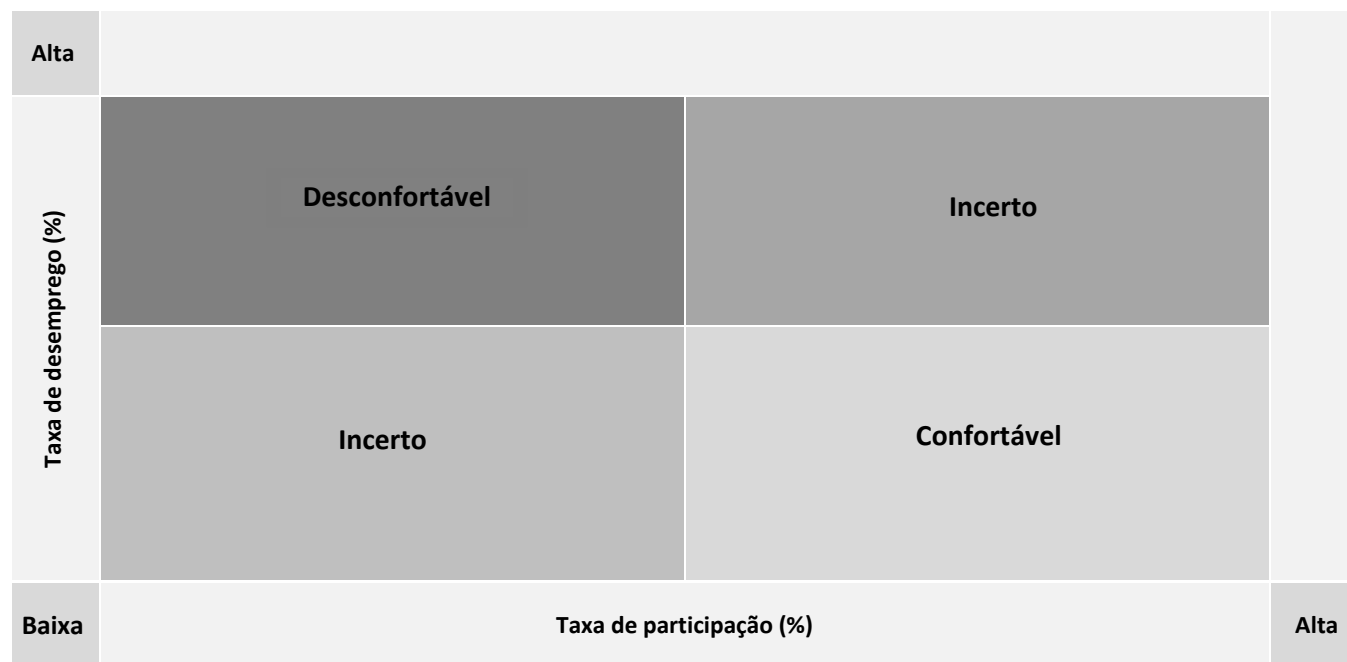
Os dados mais recentes mostram que passados os efeitos da pandemia sobre o mercado de trabalho, a desocupação vem apresentando uma trajetória de forte desaceleração, de modo que, em julho de 2023, a taxa de 7,6% atingiu o menor patamar nos últimos oito anos. De forma geral, subentende-se que taxas de desocupação em baixo patamar estão associadas a ciclos virtuosos no mercado de trabalho. No entanto, essa generalização pode, ocasionalmente, não se mostrar verdadeira, tendo em vista que apenas a análise da taxa de desocupação agregada não permite inferir movimentos precisos acerca da oferta (força de trabalho) e da demanda (nível da ocupação) por trabalho. Dentro desse contexto, o objetivo deste box é revisitar o trabalho publicado por Ramos (2009),⁷ cuja metodologia desenvolvida permite, através da construção de um diagrama de fases, caracterizar de forma mais apropriada o momento atual do mercado de trabalho, a partir da relação entre as taxas de desocupação e participação.

De acordo com o autor, inicialmente, é preciso definir uma taxa de desocupação que sirva como referência para avaliar o desempenho do mercado de trabalho e uma taxa de participação “natural”, pressupondo que patamares superiores a ela signifiquem uma pressão acima do normal sobre o mercado de trabalho e vice-versa.

7. RAMOS, L. Desempenho recente do mercado de trabalho brasileiro: 1992-2005. Revista de Economia Política, v. 29, n. 4, p. 406-420, out./dez.2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/5n7drkVBk4GQc8VMJ5nbjnt/?lang=pt&format=pdf>.

Dessa forma, é possível construir um diagrama de fases, com a taxa de desemprego no eixo vertical e a taxa de participação no eixo horizontal, ambos com centro nas taxas de referência definidas, em que são formados quatro quadrantes, que representam diferentes conjecturas do mercado de trabalho (figura 1).

FIGURA 1
Estados do mercado de trabalho



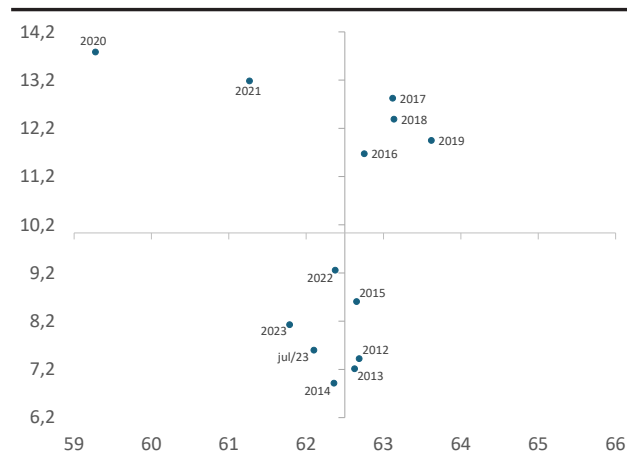
Elaboração dos autores.

No quarto quadrante (abaixo e à direita) é possível afirmar que o mercado está em uma situação confortável, dado que a taxa de desemprego se mostra inferior à usual, mesmo em um cenário marcado por pressão da oferta acima do normal – ou seja, a taxa de participação é maior do que a “natural”, indicando que a geração de empregos ocorre em quantidades mais do que necessárias para absorver uma expansão mais forte da força de trabalho. Já no primeiro quadrante ocorre o inverso, ou seja, o mercado de trabalho está em uma situação desconfortável. Nesse cenário, a taxa de desemprego se mantém elevada, apesar da baixa taxa de participação, evidenciando um arrefecimento da oferta de mão de obra e, refletindo, por conseguinte, uma capacidade de geração de novos empregos bastante limitada. Por fim, no segundo e no terceiro quadrantes o diagnóstico é incerto, pois ou o mercado está tendo uma *performance* inferior à desejável, mas está sob pressão anormalmente elevada (segundo quadrante), ou está tendo um desempenho acima do habitual, mas em condições do lado da oferta mais favoráveis do que o normal (terceiro quadrante).

A partir das premissas anteriores, o gráfico 1 mostra o desempenho do mercado de trabalho, desde 2012, com o intuito de identificar se o cenário atual de emprego no país se mostra pressionado ou não. Para tanto, foram definidos como eixos centrais as médias históricas das taxas de desocupação e participação, obtidas a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) mensal, entre janeiro de 2012 e julho de 2023, excluindo-se o período mais impactado pela pandemia, de março de 2020 a março de 2021. Dessa forma, o eixo da ordenada (taxa de desemprego) foi centrado em 10,0% e o eixo da abcissa (taxa de participação) foi centrado em 62,5%. Já os pontos destacados no diagrama se referem aos valores médios de cada ano das duas variáveis, além do último valor divulgado pela PNAD Contínua mensal, que se refere a julho de 2023.

De acordo com o diagrama, observa-se que enquanto a pandemia levou o mercado de trabalho brasileiro para uma situação considerada desconfortável (biênio 2020-2021), pois mesmo com uma taxa de participação baixa – decorrente do recuo da força de trabalho, originada pela impossibilidade da procura por emprego, dadas as restrições de mobilidade impostas –, a taxa de desocupação acelerou consideravelmente nesse período. Em contrapartida, 2012, 2013 e 2015 podem ser considerados os anos mais prósperos, pois mesmo com uma taxa de participação alta, a economia brasileira conseguiu gerar postos de trabalho suficientes não apenas para abarcar os novos entrantes na força de trabalho, mas também para retirar trabalhadores da desocupação, gerando, portanto, uma queda da taxa de desemprego. Por fim, observa-se que no estágio atual, o mercado de trabalho se situa em um contexto considerado incerto, embora o último dado disponível (julho de 2023) já se encontre em uma posição mais favorável dentro desse quadrante.

FIGURA 2
Estados do mercado de trabalho brasileiro (2012-2023)



Elaboração dos autores.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Julia de Medeiros Braga (Editora)

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter

Andreza Aparecida Palma

Antônio Carlos Simões Florido

Cristiano da Costa Silva

Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão

Caio Rodrigues Gomes Leite

Camilla Santos de Oliveira

Diego Ferreira

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
